

**Autor:**

Ana Sofia Laranjinha

[alaranj@gmail.com](mailto:alaranj@gmail.com)

**Título:**

A PRÉ-HISTÓRIA ARTURIANA NO *LIBRO DE LAS BUENAS ANDANÇAS E FORTUNAS* DE LOPE GARCÍA DE SALAZAR: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO

**Resumo:**

Lope García de Salazar inicia o Livro XI do seu *Libro de las Buenas Andanças e Fortunas*, que dedica à história da Grã-Bretanha, com uma narrativa fundacional bem conhecida: a história de Brutos, neto de Eneias, que deixa a Itália para ir repovoar Troia, mas é levado por ventos contrários até à ilha de Albion, onde funda um novo reino e inicia uma linhagem. Embora possa ter conhecido outras fontes para esta narrativa, nesta secção da sua obra Salazar opta por seguir, quase sempre fielmente, as *Sumas de Historia Troyana* de Leomarte. Assim, as suas estratégias de reescrita revelam-se nos pequenos desvios em relação a esta matriz – pequenos desvios que visam legitimar o mais ilustre antepassado do rei Artur.

**Palavras-chave:** Brutos; Artur; linhagem; Lope García de Salazar; fundação; legitimação; *General Estoria*.

### **Abstract**

Lope García de Salazar begins Book XI of his *Libro de las Buenas Andanças e Fortunas*, which he dedicates to the history of Britain, with a well-known foundational narrative: the story of Brutus, grandson of Aeneas, who leaves Italy to repopulate Troy but is carried by contrary winds to the island of Albion, where he founds a new kingdom and begins a lineage. Although he may have known other sources for this narrative, in this section of his work Salazar chooses to follow quite faithfully Leomarte's *Sumas de Historia Troyana*. Thus, his rewriting strategies are revealed in the small deviations from this matrix - small deviations aimed at legitimising King Arthur's most remarkable ancestor.

**Key words:** Brutus; Arthur; lineage; Lope García de Salazar; foundation; legitimation; General Estoria

### **Plano:**

O Livro XI: selecção e organização da matéria

Brutos, fundador predestinado

Brutos e a legitimação da linhagem

Brutos e a transmissão do poder

### **Como citar este artigo:**

Ana Sofia Laranjinha, «A pré-história arturiana no *Libro de las Buenas Andanças e Fortunas* de Lope García de Salazar: estratégias de legitimação», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 8, 2023, pp. 37-52.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua8a3>

## A PRÉ-HISTÓRIA ARTURIANA NO *LIBRO DE LAS BUENAS ANDANÇAS E FORTUNAS* DE LOPE GARCÍA DE SALAZAR: ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO

Ana Sofia Laranjinha  
Universidade Aberta  
SMELPS / IF – UP

Neste encontro em que homenageamos Harvey Sharrer, é-me muito grato retomar o estudo que interrompi há alguns anos sobre a matéria arturiana no *Libro de las Buenas Andanças e Fortunas* de Lope García de Salazar e de que resultaram quatro artigos<sup>59</sup>. Estes estudos não teriam sido possíveis sem a investigação pioneira de Sharrer, que editou, em 1979, o Livro XI e as restantes passagens que, na obra de Salazar, dizem respeito à história da Grã-Bretanha<sup>60</sup>. O minucioso estudo de fontes que empreendeu então levou-o a defender que Salazar conhecia o ciclo que circulou na Península Ibérica desde meados do séc. XIII – o chamado ciclo da Post-Vulgata, ou ciclo do Pseudo-Boron<sup>61</sup>. Neste trabalho, regresso ao estudo de Sharrer para, a partir de uma base segura, examinar a reescrita das origens dos reis da Bretanha pelo historiador biscaíno<sup>62</sup>. Depois da História, volto-me agora para a Pré-História arturiana, com o intuito de compreender como se articulam.

Lope García de Salazar, chefe impetuoso de uma das mais importantes casas da nobreza da Biscaia, foi um dos protagonistas das guerras de bandos que assolavam a região nos sécs. XIV e XV. Este orgulhoso representante de uma aristocracia em declínio acabou os seus dias preso numa torre pelos seus próprios filhos; aí redigiu, entre 1471 e 1476, uma crónica universal que se inicia com a criação do mundo e termina com o relato de acontecimentos que ele próprio presenciou na sua Biscaia natal<sup>63</sup>. O Livro XI, que interessou até agora muito poucos arturianistas quase sempre em trabalhos de pesquisa de fontes<sup>64</sup>, mereceria mais

---

<sup>59</sup> Laranjinha (2013; 2014a; 2014b; 2016).

<sup>60</sup> Sharrer (ed., 1979).

<sup>61</sup> Sharrer (ed., 1979, p. 17).

<sup>62</sup> Não obstante, recorrerei, para todas as referências ao texto de Salazar, à edição crítica de Maria Consuelo Villacorta Macho (ed., 2015), que publicara previamente uma edição do livro XI (2000).

<sup>63</sup> Sobre o autor e a sua obra, veja-se Sabino Aguirre Gandarias (1994) e Maria Consuelo Villacorta Macho (2002).

<sup>64</sup> Pere Bohigas Balaguer (1925) identificou pela primeira vez as fontes arturianas. Nos trabalhos de Gemma Avenoza (2005) e Villacorta Macho (ed., 2015, pp. XXIX-XLIII) podemos encontrar revisões da literatura bastante completas no que diz respeito ao estudo de fontes. Os únicos estudos que conheço que se debruçam sobre as estratégias de escrita de Salazar no Livro XI são de Pénélope Cartelet (2017; 2019).

atenção por parte da crítica, pela qualidade e a contundência da sua escrita, a que subjaz uma intencionalidade que urge compreender melhor.

### O Livro XI: selecção e organização da matéria

A decisão de Lope García de Salazar de iniciar a sua história da Grã-Bretanha com um relato das aventuras de Brutos, neto de Eneias, não surpreende: segue a tradição de Geoffrey of Monmouth na *Historia Regum Britanniae*, e está de acordo com o modelo da *General Estoria* e de outras obras historiográficas<sup>65</sup>, ainda que, ao contrário da *General Estoria*, que apresenta a *Estoria de las Bretañas* repartida em diversas secções que vai interpolando na narrativa bíblica<sup>66</sup>, Salazar lhe dedique todo o Livro XI do seu *Libro de las Buenas Andanças e Fortunas*. O que distingue fundamentalmente Salazar da maior parte dos seus predecessores é, como se sabe, a introdução, numa obra de carácter historiográfico, de uma curta síntese do ciclo arturiano em prosa. Operando uma criteriosa selecção da matéria narrativa do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, centra-se nas aventuras de Merlim e Artur, que são precedidas de um breve resumo da cristianização da Grã-Bretanha por José de Arimateia e os seus companheiros. Depois da morte de Artur, segue-se um relato mais resumido dos reinados dos monarcas ingleses até Eduardo IV, contemporâneo do historiador.

Num estudo anterior, chamei a atenção para a estrutura do Livro XI, que é evidenciada no resumo que dele se apresenta no fim do Livro X:

(...) comiënçase el onceno libro, en que fabla cómo fueron pobladas [sic] e fundados los reinos de Inguelaterra e d'Escocia e d'Erlanda; e de las cibdades de Londres e de las otras cibdades e pueblas d'ellas e de las gentes que las conquistaron e poblaron; e de cómo salió Bruto con los troyanos, que eran catibos en Grecia, e Asaraco e Corineo [e] el obispo Eleno, fijo del rey Príamo, e poblaron e reinaron en los dichos reinos e islas; e de cómo Josep Avarimatía e su fijo Josefaz, que fue el primer obispo cristiano del mundo, e sus parientes arribaron en Inguelaterra con el Santo Grial e fezieron coberter a muchos cristianos e reinaron algunos d'ellos en ellas; e del noble rey Artur e de sus fechos e del sabio Merlín e de los otros reyes que después d'él allí reinaron; e de cómo Guillelmo el Vastardo conquistó a Inguelaterra e reinó en ella (...)<sup>67</sup>.

Retomo aqui o que afirmei em 2014:

Neste breve resumo, parece evidente que a História da Grã-Bretanha se divide, para Salazar, em três períodos: a fundação pelo herói mítico da antiguidade, Brutos; a refundação com a cristianização da Grã-Bretanha por José de Arimateia e Josefes e o reinado de Artur, o rei modelar; e finalmente o período propriamente histórico, que se estende até ao rei Eduardo IV, contemporâneo do autor<sup>68</sup>. A valorização dos dois períodos

---

<sup>65</sup> Gómez Redondo (2013).

<sup>66</sup> Simó i Torres (2017).

<sup>67</sup> Villacorta Macho (2015, p. 361). Aqui e nas restantes citações deste trabalho, os destacados são meus.

<sup>68</sup> Diga-se, porém, que no Livro XI, antes de narrar a conquista de Inglaterra por Guilherme o Bastardo, Salazar intercala uma passagem relativamente longa sobre uma série de reis (ditos de Inglaterra) que não correspondem

fundacionais é visível, assim como a função dos seus protagonistas: Brutos e os seus companheiros, dignificados pela origem Troiana, aparecem como os povoadores de um território praticamente deserto, os fundadores dos reinos do ocidente; José de Arimateia e Josefaz, o primeiro bispo cristão, convertem o mesmo território ao cristianismo, operando portanto uma nova fundação. Quanto a Artur, não se distingue neste resumo por nenhum feito especial, nenhuma derrota ou conquista de consequências políticas importantes. Ao contrário de todos os outros, porém, Artur merece [sistematicamente] a distinção de um adjetivo: «noble». De tanto se repetir nos títulos e no corpo do texto, «noble Artur» ou «noble rey Artur» adquirirá uma feição formular, distinguindo esta personagem entre todas as que surgem no livro que Salazar dedica aos reis da Grã-Bretanha<sup>69</sup>.

Acrescente-se ainda que para ligar a primeira parte, dedicada à fundação da Grã-Bretanha por Brutos, e a segunda, reservada à matéria arturiana (que se inicia com as aventuras de José de Arimateia), Salazar introduz uma referência redaccional que marca uma elipse: «E así reinaron e sucedieron de unos en otros fasta el tiempo que reinaba en la dicha cibdad de Londres, seyendo cabeça de Inguelaterra, el rey Luces Pagano»<sup>70</sup>. Elipse semelhante marca a articulação entre esta segunda parte fundacional e a parte histórica: «Muchos reyes reynaron en Ynguelaterra e en Escocia e en Erlanda después d'este rey Artur, de que no faze memoria sino por la *Coronica de los reyes de Francia*»<sup>71</sup>. Assim, Salazar ultrapassa eficazmente o problema da mudança de fonte: no final da primeira parte, em que utilizara intensamente as *Sumas de Historia Troyana* de Leomarte, passa diretamente para a fonte romanesca sem recorrer a uma fonte intermédia; no final da segunda parte, refere-se explicitamente à escassez de fontes para o período que antecede a última parte. Seja como for, as formulações que designam a sucessão de reis anónimos marcam por contraste os tempos fortes e realçam as figuras dignas de memória.

### **Brutos, fundador predestinado**

No início do Livro XI, portanto, Salazar relata as aventuras de Brutos em nove capítulos<sup>72</sup>, dando-lhe um espaço narrativo muito significativo, apenas ligeiramente inferior ao que dedica ao tempo de Artur. Eis, em traços largos, a intriga: Reinando Julio, filho de Eneas, na Toscana, os astrólogos anunciam que o filho que a rainha tem no ventre matará ambos os progenitores. Com efeito, Brutos estará na origem da morte da mãe durante o parto e da morte do pai num acidente de caça. Expulso do reino, embarca com o fim de ir povoar Troia, mas os ventos contrários empurram as naus para a Macedónia, onde o rei Pandraso mantém cativos muitos troianos. Depois de uma guerra em que Brutos dá mostras do seu valor e engenho, os troianos

---

a figuras históricas (Villacorta Macho, ed., 2015, pp. 378-79), passagem que, a julgar pelo resumo já referido, poderia não fazer parte do plano inicial.

<sup>69</sup> Laranjinha (2014a, pp. 672-673).

<sup>70</sup> Villacorta Macho (ed., 2015, p. 366).

<sup>71</sup> Villacorta Macho (ed., 2015, p. 378).

<sup>72</sup> Villacorta Macho (ed., 2015, pp. 361-366).

são libertados e o neto de Eneias, a quem Pandraso dá a filha em casamento, põe-se de novo a caminho de Troia, mas a tormenta desvia novamente os navios, que acabam por acostar em Chipre, onde a deusa Diana ordena, num sonho, que Brutos vá povoar a ilha de Albion. Depois de mais combates com franceses e catalães, os troianos acabam por lançar âncora na ilha ocidental, que está quase completamente despovoada. Na Cornualha, o troiano Corineo derrota o gigante Magot e lança-o de uma penha, que conserva o nome do gigante vencido. Brutos funda cidades e castelos e torna-se o primeiro rei da Inglaterra. A missão civilizadora dos troianos desenrola-se assim em três frentes: eliminação do gigante; povoamento com a criação de cidades e castelos; re-nomeação da ilha e das suas regiões.

A propósito da versão das aventuras de Brutos veiculada pela *General Estoria*, que se inspira numa versão hoje perdida da *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey of Monmouth<sup>73</sup>, Fernando Gómez Redondo defende que a história do neto de Eneias funciona como uma reabilitação da tragédia troiana:

(...) la trama de la historia de Bruto se corresponde a la de la conquista de Troya, de modo que entre una y otra se establece una suerte de contrapunto que les permite a los descendientes troyanos resarcirse de aquella derrota y fundar un universo de referencias políticas y morales, conectado al de la mítica ciudad perdida: para ello, se requieren la derrota del rey griego Pandraso, la unidad alcanzada por los troyanos dispersos tras la caída de su ciudad, el sueño revelador de Diana, la guerra contra los pueblos occidentales y la conquista del espacio insular, con la derrota de los jayanes (...)<sup>74</sup>.

Meritxell Simó Torres, por seu lado, acrescenta:

[En la *General Estoria*] la reescritura del original realza enormemente la identificación del espacio bretón conquistado por Bruto con una Nueva Troya (designación que sólo aparece una vez en el texto latino y que, en cambio, aparece reiterada una y otra vez en el castellano) y que, enfatizando la conexión entre pasado y presente, vincula eficazmente esta restauración del poder político a la noción de *translatio imperii*, que constituye, como es sabido, el espíritu que anima, en el plano ideológico, la crónica alfonsi<sup>75</sup>.

Ora, este contraponto entre o mundo antigo e o novo mundo, peça fundamental na construção do *topos* da *translatio imperii* tão caro ao rei Sábio, está menos em evidência conquanto não totalmente ausente, nas *Bienandanças*<sup>76</sup>.

Embora conheça a *General Estoria*<sup>77</sup> e, possivelmente, a *Historia Regum Britanniae* ou um dos textos em vulgar que descendem da crónica de Monmouth e circularam em Castela entre os sécs. XIII e XV, Salazar opta por seguir, quase sempre fielmente, nesta secção da sua obra, as *Sumas de Historia Troyana* de Leomarte<sup>78</sup>, um historiador castelhano do séc. XIV.

---

<sup>73</sup> Lloyd Kasten (1970); Simó i Torres (2017); Pichel (2018).

<sup>74</sup> Gómez Redondo (2013).

<sup>75</sup> Simó i Torres (2017, p. 899).

<sup>76</sup> A expressão «nova Troia» não ocorre em Salazar nem, aliás, na sua fonte, Leomarte.

<sup>77</sup> Avenoz (2006) e Cartelet (2019) mencionam-no como dado adquirido, mas o estudo da utilização desta obra por Lope García de Salazar está por fazer.

<sup>78</sup> Agapito Rey (ed., 1932, p. 31, n. 1); Sharrer (ed., 1979, p. 13).

Assim, as suas estratégias de escrita revelar-se-ão nos pequenos desvios em relação a esta matriz.

Como habitualmente, o autor das *Bienanças* resume as peripécias, sobretudo as guerreiras. Esta concentração da matéria acaba por deixar em evidência as passagens com maior potencialidade romanesca, como a sequência que se inicia com a profecia de que Brutos seria responsável pela morte dos pais e que termina com a sua partida para o exílio, brevemente relatada no Livro VI e desenvolvida no Livro XI, ou aquela em que a deusa Diana lhe dita em sonhos a nova missão de povoar a Grã-Bretanha. Adquirem assim maior destaque as cenas que contribuem para a construção da personagem de Brutos como herói predestinado<sup>79</sup>.

Se tivermos em conta que, nas curtas biografias de Artur e Merlim, Salazar retém sobretudo as suas acidentadas concepções, os poderes de Merlim e as peripécias que rodeiam a eleição de Artur, tudo isto balizado por numerosas profecias, que se prolongam com o anúncio das mortes das duas personagens, facilmente compreenderemos que Brutos, Merlim e Artur constituem, nsas *Bienanças*, uma tríade cujo carácter excecional decorre, mais do que das suas qualidades como guerreiros ou monarcas, do facto de terem sido designados pelos deuses ou pelo destino.

No caso de Brutos, a predestinação está ligada, como vimos, à fundação de um novo reino e está presente nas *Sumas*, nomeadamente na utilização do esquema mítico do herói desterrado e no discurso já referido da deusa Diana. Ora, em Salazar, o discurso da deusa é amplificado, ocupando o dobro do espaço narrativo que ocupa na sua fonte, o que é particularmente significativo, já que Salazar, em geral, sintetiza. Por outro lado, nas *Bienanças*, a predestinação é potenciada pelo reforço de um *leitmotiv* que marca quase todas as partidas dos troianos por mar: desejosos de regressar a Troia, Brutos e os seus companheiros acabam sempre por ser desviados da rota inicial.

	Leomarte	Salazar
Brutos expulso depois da morte do pai	(...) e lançose en la mar. E su voluntad era de <u>yr en Troya</u> (...) CCXVI, p. 321  (tormenta)	Dio consigo en alta mar a fin de <u>ir a poblar</u> a Troya, que estaba desierta, donde era natural. p. 361 (tormenta)
Brutos e troianos, tendo derrotado Pandraso, deixam a Grécia	E mandava todavia a los mareantes que guiasen las naos para el viaje de Troya, ca todavia su entencion era de <u>yr en Troya</u> (...) <u>yr a Troya</u> e poner toda su dyligencia en la cobrar e restaurar, e que se	E mandaba toda vía a los mareantes que levasen la vía de Troya, adonde él e todos los suyos codiciaban de <u>ir a poblar en la dicha tierra de Troya</u> por que en él

<sup>79</sup> Segundo Simó i Torres, os redactores da *General Estoria*, embora reforcem a predestinação (2017, pp. 906-907), contribuem para a idealização da personagem através do seu retrato psicológico e da desculpabilização das suas acções (2017, pp. 904-906). Para Salazar, o que distingue Brutos não é tanto a sua excelência atlética ou ética, mas os sinais que o elevam acima dos outros homens. O mesmo acontece no seu tratamento de Artur e Merlim (Laranjinha, 2014a).

	recobrase en el nonbre troyano. CCXXX, p. 333 (tormenta)	e en ellos se cobrase el nombre troyano. p. 364 (tormenta)
Depois de passarem por Damasco e enfrentarem corsários	(...) e sienpre avia mas talante de contynuar su proposito en <u>yr a Troya</u> . Mas los vientos le fueron tan contrarios que todos se ovieran a perder por guardar aquella entençion. E al cabo por fuerça de tormenta ovieron de arribar en tierra de Africa (...). CXXXII, p. 334	(...) tormenta forçosa les echó en tierra de África, cuydando arribar a <u>Troya</u> . p. 364
Na Alemanha	(tormenta)	Corneo (...) que era de la gente troyana que allí poblaron con Antenor. Por promesas (...) e por deseo de tornar a <b>poblar a Troya</b> fuese con ellos. p. 365 (ventos contrários)
Diana dirige-se a Brutos em sonhos		“Bruto, no te trabaxes <u>de ir a poblar a Troya</u> , ca sentencia fue dada en el cielo contra ella que fuese despoblada por sienpre: pereceredes todos si más aquella vía ides”. p. 365

Como se pode verificar, este *leitmotiv* adquire mais relevância nas *Bienandanças* do que nas *Sumas* de Leomarte por três razões: porque ocorre cinco vezes e não apenas três, ainda para mais num texto mais curto; porque surge sistematicamente associado à expressão «ir a poblar», o que o torna mais facilmente reconhecível; porque no sonho a deusa Diana não se limita a apontar aos navegantes o seu destino – a ilha de Albion – mas refere explicitamente que Troia deverá ficar deserta para sempre:

Bruto, no te trabaxes de ir a poblar a Troya, ca sentencia fue dada en el cielo contra ella, que fuese despoblada por siempre; pereceredes todos si más aquella vía ydes<sup>80</sup>.

Assim, seguindo o conselho de Diana, Brutos fecha o ciclo que se abra com o seu nascimento, já que a profecia da deusa repete, invertendo-o, o vaticínio nefasto dos astrólogos. Introduzindo esta última profecia, Salazar estabelece um novo paralelismo que funciona como mais um sinal da inevitabilidade da História<sup>81</sup>. A diferença, é que agora a morte anunciada é evitável: afastando-se do passado troiano, rumando para Ocidente, o fundador escolhe a vida e o único futuro possível.

<sup>80</sup> Villacorta Macho (ed., 2015, p. 365).

<sup>81</sup> Note-se que nesta passagem Salazar diverge não apenas de Leomarte, mas também das versões conhecidas da *Historia Regum Britanniae* (Reeve, ed., 2007, 16, pp. 305-312), do *Brut* de Wace (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 681-90), e da *General Estoria* (Sánchez-Prieto, coord., 2009, Segunda Parte, Reyes I, § 71, p. 512), todas muito próximas entre elas. O *Livro de Linhagens* (Mattoso, ed., 1980, p. 76) e a *Crónica de 1404* (Catalán, ed., 1962, pp. 366-367), que apresentam uma versão muito mais resumida da história de Brutos, não incluem o episódio do sonho.

Enquanto os redactores da *General Estoria* põem em evidência a predestinação do fundador da Grã Bretanha através da introdução de comentários do narrador<sup>82</sup>, Salazar, com a sua habitual eficácia, atinge o mesmo objetivo graças a uma grande economia narrativa e à construção de situações paralelas pontuadas por fórmulas. Por outro lado, a eliminação dos reis que medeiam entre os herdeiros diretos de Brutos e o período da conversão da Grã-Bretanha, que antecede imediatamente o tempo de Artur, aproxima Brutos do seu ilustre descendente. Assim, resulta desta concentração da matéria uma maior clareza e talvez também uma maior eficácia da construção narrativa e ideológico-simbólica, sobretudo no que diz respeito à relação com a matéria arturiana.

### Brutos e a legitimação da linhagem

Observámos, na primeira parte deste trabalho, a forma como Lope García de Salazar reorganiza a matéria resumindo quase sempre, amplificando por vezes, pondo em evidência os aspetos que mais lhe interessam na construção de um sentido para a sua crónica. Veremos agora como ele pode modificar um dado objetivo para conseguir os seus intentos legitimatórios.

De acordo com Leomarte, que se afasta neste ponto das versões que compulsei até agora, Eneas tem três filhos, de três mulheres diferentes: Escanio, da filha de Príamo, rei de Troia; Sylvio Postuno, da rainha Latina, sua terceira mulher; Julio, da rainha Dido, de quem descende Brutos. Que se trata aqui de uma questão importante e controversa, revela-o esta indicação redaccional das *Sumas*:

Commo quier que algunas estorias digan que Julio, padre de Bruto, fijo fue de Escanio; mas Leomarte dize que este fue el fijo de la reyna Dido<sup>83</sup>.

Sabemos que a genealogia refutada por Leomarte é a que atribuem a Brutos Geoffrey of Monmouth na *Historia Regum Britanniae*<sup>84</sup>, Wace no *Brut*<sup>85</sup>, Afonso X na *General Estoria*<sup>86</sup> e Pedro de Barcelos no *Livro de Linhagens*<sup>87</sup> – com uma diferença: em todos estes textos, o pai de Brutos não se chama Julio, mas Silvius ou Filinus. Salazar, neste ponto, adota consistentemente uma versão alternativa: Julio/Junio, o pai de Brutos, não é filho de Dido,

---

<sup>82</sup> Simó i Torres (2017, pp. 906 e ss.).

<sup>83</sup> Agapito Rey (ed., 1932, CCXV, p. 320).

<sup>84</sup> Ascanius é filho de Aeneas e da filha do rei Priamus; Silvius é filho de Ascanius e de Lavinia; Brutus é filho de Silvius de uma sobrinha de Lavinia e portanto neto de Aeneas (Reeve, ed., 2007, 6, 48-61).

<sup>85</sup> Aschanius é filho de Enéas e da filha do rei Priamus; Silvius Postomius é filho de Aschanius e de Lavinia; Brutus é filho de Silvius e de uma sobrinha de Lavinia e portanto neto de Enéas (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 16-18; 78-80; 111-117).

<sup>86</sup> Escanio é filho de Eneas e Creusa, a filha do rei Príamo; Silvio Postumo é filho de Eneas e Lavinia; Eneas Silvio é filho de Silvio Postumo; Bruto é filho de Silvio, filho de Escanio, e de uma sobrinha de Lavinia e portanto neto de Eneas. (Sánchez-Prieto, ed., 2009, Segunda Parte, T. 2, Reyes I, §§ 59-60, pp. 496-497).

<sup>87</sup> Ascanus é filho de Eneas e da filha do rei Príamo; Filinus é filho de Eneas e Lavinia; Bruto é filho de Filinus, filho de Ascanus, e de uma parente de Lavinia e portanto neto de Eneas (Mattoso, ed., 1980, pp. 74-75).

mas também não é filho de Ascanio e neto de Eneias; é filho deste e da filha do rei Príamo. Acompanha o pai e o irmão Escanio quando abandonam a cidade em chamas e também quando lançam âncora na costa italiana, vindos de Cartago, onde Eneias casara com Dido e reinara três anos. É possível que Salazar tenha corrigido a versão apresentada por Leomarte tendo em conta a tradição (Brutos descende de Eneias e do rei Príamo), mas simplificando-a (eliminando uma geração e um homónimo do pai de Brutos). De qualquer forma, não se trata certamente de um acidente. Nas passagens onde a filiação de Julio é abordada, as alterações necessárias são cuidadosamente efetuadas:

Leomarte	Salazar, Livro VI e XI
(Quando sai de Troia, Eneias leva apenas Escanio)	Eneas, que escapó de la destrucción de la noble cibdad de Troya, como en la su istoria dicho es, traxiendo consigo a Ancises, su padre, e a sus fijos Escanio e Junio, que eran pequeños (...) p. 194
(Referência a um filho de Dido e Eneias)	Contado ha la istoria cómo Eneas desamparó la reina Alisa Dido, su muger, e cómo arribó en Italia e levó a sus fijos <b>Estanio e Julio</b> consigo, que eran de XIII e XV años, <b>nietos del rey Príamo de Troya, fijos de su fija legítima.</b> p. 197
... su fijo Julio <b>que avia avido en Elisa Dido</b> CCIX, p. 314	... e sus fijos Julio e Escanio e Silvias Postino (...) p. 361
Mas agora (...) la estoria (...) torna a contar de <b>Julio, fijo de Eneas e de la reyna Dido</b> , el que murio por mano de su fijo Bruto, por quanto la estoria ha contado e traydo el cuento de la reyna Dido. CCXV, p. 320	

A estas alterações subjaz, a meu ver, a intenção de elevar a origem de Brutos, como a expressão «nietos del rey Príamo de Troya, fijos de su fija legítima» sugere. Ao contrário de Leomarte, que faz de Eneias uma espécie de novo Noé, com filhos concebidos na Ásia, em África e na Europa, Salazar transforma a sua união com a rainha de Cartago numa breve aventura africana sem consequências de maior e devolve ao antepassado de Artur a sua origem ilustre: tão ilustre como a de Ascanio, de quem descenderá Julio César<sup>88</sup>. Note-se que na passagem em que Leomarte menciona Troia e Cartago como terras da «natureza» de Bruto, Lope García elimina a cidade de Dido e sutura cuidadosamente o corte efetuado. Ou seja: mesmo quando a referência à origem cartaginesa de Brutos é apenas indireta, Salazar identifica-a e elimina-a:

<sup>88</sup> Villacorta Macho (ed., 2015, p. 198).

Leomarte	Salazar
E mandava toda via a los mareantes que guiasen las naos para el viaje de Troya, ca toda via su entencion era de yr en Troya. E qdo de Ytalia partiera con aquella entencion partiera <b>de yr en Troya o en Cartago, que eran tierras de su naturaleza</b> , por que sopiera despues commo reynava en Cartago Pago. E era aquel entonçe el mas nonbrado e el mas noble que oviese en Africa, e era de su lynaje e a quien de razon perteneçia la silla de Cartago. E non pensava de yr alla, mas de yr a Troya e poner toda su dyligençia <b>en la cobrar e restaurar, e que se recobrase en el nonbre troyano.</b> CCXXX, p. 333	E mandava todavia a los mareantes que levasen la vía de Troya, adonde él e todos los suyos codiciaban <b>de yr a poblar en la dicha tierra de Troya, por que en él e en ellos se cobrase el nombre troyano.</b> p. 364

A estratégia de legitimação da linhagem de Brutos não estaria completa sem a alteração de mais um pormenor. Vejamos as breves referências à concepção do sobrinho de Eneas nos dois autores em confronto:

Leomarte	Salazar, Livros VI e XI
	Otrosí <b>casó a su fijo Junio</b> con una sobrina de la reina Latina, su muger. E seyendo preñada, ovo voluntad de saber qué era lo que traía en el vientre... p. 197
Julio, filho de Eneas (e de Dido), enamora-se de uma sobrinha de Latina (sua madrasta): (...) Otrósy el su fijo Julio que avia avido en Elisa Dido <u>andando ya mançebo</u> en la casa del padre <b>enamorse</b> de una donzella, sobryna de Latyna su madrasta, e otrosy ella del e <b>a furto ovieronse de abenir de guisa que ella fue ençinta</b> , mas quando Eneas e la reyna lo sopyeron fezieronlos casar en uno. <u>E asy fue que Eneas le tomo voluntad de saber</u> de sus sabydores que era lo que aquella su nuera traya en el vientre, sy fijo o fija e que ventura avia de aver. CCX, p. 314	(...) <b>reynando Julio, su fijo</b> , en Toscana <b>e fuendo su mujer preñada</b> e fallando los estrólagos que lo qu'ella tenia en el vientre (...) p. 361

Nas *Sumas*, que seguem aqui a tradição<sup>89</sup>, Brutos é concebido fora do casamento, o que parece provocar a vontade de Eneas de conhecer o que o futuro lhe reserva, como sugere a expressão «asi fue que». Aliás, a expressão «andando ya mancebo», que se refere a Julio

<sup>89</sup> Cf. *Historia Regum Britanniae* (Reeve, ed., 2007, 6, 54-61), *Brut* (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 111-128), *General Estoria* (Sánchez-Prieto, ed., 2009, Segunda Parte, T. 2, Reyes I, §§ 59-60, pp. 496-497), *Livro de Linhagens* (Mattoso, ed., 1980, p. 74).

prestes a consumir o seu amor ilícito, ecoa em «andando ya Bruto mancebo de veynte annos»<sup>90</sup>, que inicia a cena em que Brutos mata o pai numa caçada, como que para sublinhar o que une os dois atos. Salazar põe aqui as suas intenções legitimatórias à frente do seu gosto pelos paralelismos e do seu interesse em salientar a predestinação de Brutos: no seu texto, a curiosidade de Eneias não tem justificação e o paralelismo entre as duas cenas perdeu-se, mas a origem de Brutos é perfeitamente legítima.

### Brutos e a transmissão do poder

Fundador predestinado de origem ilustre, chefe guerreiro de grandes qualidades, o antepassado de Artur reúne todas as condições para assumir o poder à chegada a Albion. No entanto, ainda que sob a liderança de Brutos, o acidentado percurso dos troianos é uma aventura coletiva onde se destacam as acções decisivas de figuras importantes como Asaraco e Corineo. Assim, em Leomarte, os três cavaleiros dividem a ilha entre si<sup>91</sup>, ainda que Brutos fique com a maior região. Também aqui, Salazar procede ao isolamento da figura do seu herói, erguendo-o acima de todos os seus companheiros. Ao contrário do que é habitual, o historiador biscainho amplifica o texto da fonte para que fique claro que os troianos não partilham o poder. Brutos assume a liderança, reina sobre a região mais vasta e depois dá «por eredamiento» ou «por erençia» a Cornualha a Corineo e a Escócia a Asaraco. Os reis britânicos descenderão de «Bruto e de sus gentes», enquanto em Leomarte, provêm «destos cavalleros Bruto e Corineo e Asaraco»:

Asy entro Bruto en la ysla de Albion;	En el tiempo que señoreaba Josué sobre el pueblo de Israel <sup>92</sup> , arribaron Bruto e los troyanos en la dicha ysla de Albión e pobláronla de villas e de castillos. <i>Reynó Bruto en Inguelaterra sobre todos</i> e pobló la cibdad de Londres e fizola cabeça del reyno. Púsole nombre la Grand Bretaña. <i>Dio por eredamiento</i> a Corineo a Cornoalla e púsole de su nombre Cornualla e <i>dio</i>
---------------------------------------	--

<sup>90</sup> Agapito Rey (ed., 1932, CCXV, p. 320).

<sup>91</sup> Apesar das diferenças, Salazar está mais próximo de Leomarte do que da *Historia Regum Britanniae* (Reeve, ed., 2007, 21-22) e do *Brut*, onde a divisão do poder está em segundo plano e não inclui Asaraco. (Cornuaille ot Corineus / Et Bretagne ot tote Brutus (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 1237-1238). O mesmo se passa na *General Estoria* (Sánchez-Prieto, coord., 2009, Segunda Parte, Reyes I, § 79, p. 523). Sobre o *Livro de Linhagens*, está em curso um estudo de Maria do Rosário Ferreira.

<sup>92</sup> Esta informação não está em Leomarte. Na *Historia Regum Britanniae*, a referência cronológica é diferente: «Regnaba tunc in Iudaea Heli sacerdos et archa testamenti capta erat a Philisteis. Regnabant in Troia filii Hectoris, expulsis posteris Atenoris. Regnabat in Italia Silvius Aeneas, Aeneae filius, avunculus Bruti, Latinorum tercius». (Reeve, ed., 2007, 22, 506-509); Wace segue a *Historia Regum Britanniae* como habitualmente (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 1285-88); o *Livro de Linhagens* de Pedro de Barcelos segue Wace (Mattoso, ed., 1980, p. 75). Segundo Sharrer. O *Libro de las Generaciones* de Martín de Larraya, e a *Crónica de 1404* apresentam a mesma versão que os textos anteriores (Sharrer, ed., 1979, p. 105, n. 10). Assim, não foi possível indentificar a fonte das *Bienandanças* para esta referência bíblica, que parece ser um erro, transportando a entrada de Brutos em Albion para um tempo muito remoto.

<p>e de que en paz fueron asesegados <i>partieronla</i>. E tomo Bruto aquella parte mayor que agora llaman Ynglatierra; e [dieron] a Curineo aquella de Magot, que agora llaman Cornualla de su nombre de Curineo. E dieron otrosy a Asaraco aquella provincia que agora se llama Escoçia. E ovo este nonbre de un su fijo que fue muy buen cavallero que llamaron Escot. <i>E destes cavalleros Bruto e Corineo e Asaraco salieron los que despues syenpre fueron reys de Ynglatierra</i>. E deste nonbre Bruto tomaron nonbre los bretones. CCXXXVII, pp. 339-340</p>	<p><i>por erencia</i> Asaraco a Escocia. Un su fijo que la eredó despues d'él, que llamaban Isca, púsole de su nombre Escocia. E fizo obispo mayor en este reyno sobre todos al obispo Eleno, fijo del rey Príamos (...)</p> <p><i>D'este Bruto e de sus gentes sucedieron e suceden todos los yngleses e escoces e irlandeses e las otras yslas comarcanos.(...) E así reynaron e sucedieron de unos en otros fasta el tiempo que reinaba en la dicha cibdad de Londres, seyendo cabeça de Inguelaterra, el rey Lucas Pagano.</i> p. 366</p>
---	---

Lope García de Salazar parece aproximar-se brevemente da versão representada pela *Historia Regum Britanniae* e pelos textos que dela descendem: a passagem «pobláronla de villas e de castillos (...) e pobló la cibdad de Londres e fízola cabeça del reyno. Púsole nombre la Grand Bretaña» parece resumir uma parte dessa versão que está ausente em Leomarte, onde se narra a povoação da Grã-Bretanha e a fundação de Londres<sup>93</sup>. Com o seu habitual talento para sintetizar, o historiador biscaíno seleciona o elemento que lhe interessa pôr em destaque, recorrendo novamente, por duas vezes, ao verbo «poblar».

Como em trabalhos anteriores, creio ter podido mostrar que a escrita de Lope García de Salazar nada tem de aleatório. O neto de Eneias, que gozava já de um estatuto muito importante como fundador da Grã-Bretanha nas *Sumas* de Leomarte e nas versões que descendem da *Historia Regum Britanniae*, surge em Salazar mais fortemente marcado pela predestinação e dignificado pela sua origem. Graças às pequenas – mas cirúrgicas – transformações que opera, Lope García Salazar, faz dele um digno antepassado do «noble rei Artur».

<sup>93</sup> Veja-se *Historia Regum Britanniae* (Reeve, ed., 2007, 21-22), *Brut* (Lincy, ed., 1836, t. 1, vv. 1201-1210 e 1238-1259) e *General Estoria* (Sánchez-Prieto, coord., 2009, Segunda Parte, Reyes I, §§ 79-81, pp. 521-525; ). O *Livro de Linhagens* (Mattoso, ed., 1980, p. 75) apresenta uma versão tão resumida como a das *Bienandanças*, mas nada revela uma utilização da obra de Pedro de Barcelos por Salazar nesta passagem.

## Bibliografía:

### Fontes:

Agapito Rey (ed., 1932), «Leomarte. Sumas de historia troyana», *Revista de Filología Española* [Anejos, 15].

Lincy, Le Roux de (1836-1838), *Wace. Le Roman de Brut*, publié pour la première fois d'après les manuscrits des bibliothèques de Paris avec un commentaire et des notes, Rouen, Edouard Frère, 2 t.

URL: <https://archive.org/details/leromandebrut01waceuoft/page/n9/mode/2up> [cons. a 16-04-2024].

Mattoso, José (ed., 1980), *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (Portugaliae Monumenta Historica, Nova Série)*, vol.II/1, p. 55-493, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa.

Reeve, Michael D. & Neil Wright (eds.,2007), *Geoffrey of Monmouth. The History of the Kings of Britain. An edition and translation of the De gestis Britonum [Historia Regum Britanniae]*, Woodbridge, The Boydell Press.

Sánchez-Prieto Borja, Pedro (coord., 2009), *Alfonso X el Sabio. General Estoria*, Madrid, Fundación José Antonio de Castro.

Sharrer, Harvey (ed., 1979), *The Legendary History of Britain in Lope García de Salazar's Libro de las bienandanzas e fortunas*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

Villacorta Macho, Maria Consuelo (ed., 2000), *Libro XI de la Istoría de las Bienandanzas e Fortunas*, Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco (Clásicos Vascos en Castellano, 2).

Villacorta Macho, Maria Consuelo (ed., 2015), *Libro de las buenas andanças e fortunas que fizo Lope García de Salazar. Edición crítica, estudio y notas*, Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco.

### Estudos:

Aguirre Gandarias, Sabino (1994), *Lope García de Salazar. El primer historiador de Bizkaia (1399-1476)*, Bilbao, Diputación Foral de Bizkaia.

Avenoz, Gemma (2005), «Leer libros para escribir libros: sobre la biblioteca de Lope García de Salazar» in C. Parrila (ed.), *Actas del IX Congreso Internacional de la AHLM (A Coruña 2001)*, A Coruña, Univ. da Coruña - Ed. Toxosoutos, pp. 373-394.

Avenoz, Gemma (2006), «Lope García de Salazar: La formación de un bibliófilo y de su biblioteca, una visión general», *eHumanista*, 6.

URL: <https://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/6> [cons. a 16-04-2024].

Bohigas Balaguer, Pere (1925), «Los textos españoles y galego-portugueses de la *Demanda del Santo Grial*», *Revista de Filología Española*, Madrid (Anejo VII).

Cartelet, Pénélope (2017), «La integración del “sueño de Merlín” en la *Istoria de las Bienandanzas e Fortunas* de Lope García de Salazar», *E-Spania*, 28.  
DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.27281> [cons. a 11-04-2024].

Cartelet, Pénélope (2019), «El “Rey de las maravillosas aventuras”: una peculiar mirada historiográfica a la materia artúrica en la *Istoria de las Bienandanzas e Fortunas* de Lope García de Salazar» in Aurelio González Pérez, Karla Xiomara Luna Mariscal y Axayácatl Campos García Rojas (eds.) *El rey Arturo y sus libros: 500 años*, Ciudad de México, El Colegio de México, pp. 113-137.

Catalán, Diego (1962), *De Alfonso X al conde de Barcelos; cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografía romance en Castilla y Portugal*, Madrid, Universidad de Madrid.

Gómez Redondo, Fernando (2013), «La materia de Bretaña y los modelos historiográficos: el caso de la *General estoria*», *E-Spania*, 16.  
DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.22707> [cons. a 19-04-2024].

Kasten, Lloyd (1970), «The utilization of the *Historia Regum Britanniae* by Alfonso X», *Hispanic Review*, vol. 38, n. 5, pp. 97-114.

Laranjinha, Ana Sofia (2013), «O *Livro de Tristan* e o *Livro de Merlin* segundo Lope García de Salazar: vestígios do ciclo do Pseudo-Boron em terras castelhanas», *E-Spania*, 16.  
DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.22753> [cons. a 11-04-2024].

Laranjinha, Ana Sofia (2014a) «A matéria de Bretanha na *Istoria de las bienandanças e fortunas* de Lope García de Salazar: modalidades e estratégias de reescrita», in Cesc Esteve (ed.), *El texto infinito. Tradición y reescritura en la Edad Media y el Renacimiento*, Salamanca, Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas - Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas [Actas, 8], pp. 669-682.

Laranjinha, Ana Sofia (2014b), «L'Histoire contre le désordre du monde: Arthur et Charlemagne dans les *Bienandanças e Fortunas* de Lope García de Salazar», *E-Spania*, 19.  
DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.23929> [cons. a 11-04-2024].

Laranjinha, Ana Sofia (2016), «Destinos régios: da *Crónica de 1344* às *Buenas Andanças e Fortunas* de Lope García de Salazar», *E-Spania*, 25.  
DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.25883> [cons. a 11-04-2024].

Pichel, Ricardo (2018), «Sobre la recepción alfonsí de la "Historia regum Britanniae": una versión primitiva de la "Estoria de Bruto"», *Incipit*, 38, pp. 69-106.  
URL: <https://ojs.iibicrit-conicet.gob.ar/index.php/incipit/article/view/186/186> [cons. a 12-04-2024].

Simó i Torres, Meritxell (2017), «La Estoria de las Bretañas en la *General Estoria*», *Anuario de estudios medievales*, 47(2), pp. 889-916.

DOI: <https://doi.org/10.3989/aem.2017.47.2.14> [cons. a 11-04-2024].

Villacorta Macho, Maria Consuelo (2002), «Lope García de Salazar», in Carlos Alvar & José Manuel Lucía Megías (coords.), *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española. Textos y transmisión*, Madrid, Castalia, pp. 824-832.

Villacorta Macho, Maria Consuelo (2015), «Transmisión textual y fuentes históricas y literarias en el *Libro de las buenas andanças e fortunas*» in Maria Consuelo Villacorta Macho, *Libro de las buenas andanças e fortunas que fizo Lope García de Salazar. Edición crítica, estudio y notas*, Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco, pp. XXIX-XLIII.